Colonização: um passado presente

Francisco Ésio de Souza*

Quando criança, em minha aldeia de nascimento, pelos idos de 1942, seja no comércio de meu pai, seja na escola, gostava de ouvir expressões do cotidiano dos idosos, como: "abril chuvas mil", caso se tratassem de assuntos relativos ao comportamento do inverno, ou então: "aí são outros quinhentos", ao questionar determinado assunto. Na escola, por conta da história do Brasil, em seus primeiros anos de descoberto, imbricar-se toda na história de Portugal impressionava-me os feitos dos portugueses: o descobrimento do Brasil; a divisão em capitanias hereditárias, além de fatos relacionados à vida de Dom Sebastião, o Desejado, entre outros.

Os meninos de minha geração gostavam de se sentar nos bancos de madeira aboletados sob frondosa copa de uma viçosa mungubeira, para relatarem e ouvirem histórias tidas como de trancoso. Eram de Camões, de Bocage, os relatos que encantavam e falavam de sereias responsáveis por atrair marujos e causar o naufrágio de embarcações no Mar Egeu. Contudo, os meninos, naturalmente, ignoravam que estavam falando sobre a *Ilíada* de Homero. A ambos os escritores atribuíam anedotas engraçadas e, às vezes, picantes, quando não chulas, que a todos faziam sorrir.

Sobre Camões, diziam que quando o poeta estava às portas da morte e os presentes se desesperaram por não encontrarem uma vela que botassem em suas mãos, improvisaram a chama colocando sobre as mãos do autor de *Os Lusíadas* um punhado de areia coberto por brasas em labaredas. O gênio, ainda lúcido, exclamou: "Camões morrendo, Camões aprendendo".

Atentem que essas historietas foram ouvidas na década de 40 do século XX, em um minúsculo povoado do Ceará, cuja escola se limitava

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

ao curso primário. Lugar onde, praticamente, não se lia nada, a não ser a literatura de cordel e, muito raramente, um jornal mensal provindo da cidade polo da região. Por essas e por outras, Portugal estava sempre presente em minhas memórias. O que me conduzia ao propósito de um dia conhecê-lo.

Mesmo reconhecendo as dificuldades que meus pais teriam em me propiciar a sonhada viagem, à época, nunca me desesperancei em realizá-la. Depois de adulto, vi que não era tão difícil quanto imaginara.

Em outono de 1999, eu e minha esposa Heloísa, na companhia de mais quatro amigos do Ceará, fizemos nossa primeira viagem à Europa, começando por Portugal. O grupo formado apenas por cearenses partiu antecipadamente de Fortaleza (CE), rumo a Lisboa.

Ao desembargar em Lisboa, senti-me como se estivesse no Brasil, mormente no Nordeste do país. Apesar de Portugal contar já com sete anos (1992-1999) como integrante da União Europeia, o aeroporto era pequeno e simples, com a arquitetura parecida com os aeroportos das cidades do Nordeste do Brasil, visto que os das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, são muito maiores.

No aeroporto mesmo e por toda Lisboa (quem sabe todo o Portugal), viam-se múltiplas fotos de Saramago, expostas nas paredes e postes, com dizeres escritos: "Obrigado, Saramago". Então, percebi que a alma lusitana havia entrado em estado de graça, pois o escritor acabava de ser galhardeado com o Prêmio Nobel de Literatura de 1998. Enfatize-se que era a vez primeira que a língua portuguesa era distinguida com tamanha honraria. A obra de Saramago desmitificava o feito do herói colonizador e teve a preocupação em criar uma versão da História com base na intervenção das camadas populares ou de personagens desse segmento social, principalmente no romance *História do Cerco de Lisboa*.

No hotel, pessoas de biótipos assemelhados aos nordestinos - cabelos pretos, estatura mediana, quando não baixos – nos atendiam gentilmente com seu sotaque fechado. Contudo, enquanto aguardamos o *office boy* pegar as malas e conduzir aos nossos apartamentos, desviamos o olhar para um aparelho de televisor, ali então ligado, e nos surpreendemos com o que vimos: a exibição da telenovela brasileira *O Clone*. A expressão de Heloísa, num misto de espanto e alegria, chamou a atenção de uma senhora turista americana que, imediatamente, indagou-a: *Do you speak English?*

Acomodados, e sem querer perder tempo, saímos, a pé, pelos arredores próximos ao hotel, já quase ao anoitecer, mas ainda com luz suficiente para visualizarmos que os plátanos despiam-se, vagarosamente, a tornar as calçadas, sob sua copa, matizadas de uma amarela xantofila. Com tempo escasso em Portugal, de apenas cinco dias, por conta da necessidade de nos incorporarmos à excursão em Madrid, viajamos para aqueles lugares clássicos a que toda agência de turismo leva seus clientes.

Portugal, país imprensado ao Norte e ao Leste pela Espanha e ao Sul e Oeste pelo Oceano Atlântico, tem um território pequeno com solos relativamente pobres, mas racionalmente explorados. A uva cultivada na região é utilizada na produção de vinhos, entre eles o Vinho do Porto, produto de elevado valor agregado. Tal atividade econômica, no dizer do português, é altamente rentável e causa orgulho aos conterrâneos de Fernando Pessoa.

Sem desejar cansar o leitor pelos trajetos feitos, destaca-se, apenas, pelas observações expeditas, numa valorização do entendimento de Lock,[1] a força das marcas da colonização portuguesa no Brasil. No intervalo de 177 anos, desde a Independência política do país (1822) até a data da primeira viagem (1999), alem, naturalmente, da língua, via-se o sobrenome de famílias, de lugares, o artesanato, o folclore, e mais surpreendente, o lado psicossocial do homem português comparado com o homem do Nordeste do Brasil. Acredito, pois, ser o Nordeste a região do Brasil que mais guardou reminiscências da Colonização Ibérica.

As cidades portuguesas, com nomes transplantados para cidades nordestinas, e as mulheres rendeiras de Nazaré, manuseando seus bilros, não parecia que estávamos em Portugal, e sim no Nordeste do Brasil. Para aumentar esta sensação, disse-nos o guia português: "Quando vós forem para Europa, cuidado com as bolsas." Indagamos, mentalmente, como dizem o mineiros: Uai?! E nós não estamos na Europa, não?".

Após ter visitado Portugal, seguimos para Madrid, onde nos incorporamos à excursão, formada por um grupo de mais quarenta pessoas – brasileiros, argentinos, e poucos peruanos e mexicanos - e rumamos para França, Inglaterra, Bélgica, Áustria, Alemanha, Holanda, Suíça, Itália e Mônaco. Depois de percorrer oito mil quilômetros por terra, iniciamos a volta por Barcelona, via Catalunha, para finalmente chegarmos a Madrid e depois embarcar para o Brasil. Como se vê, Portugal não fazia parte do roteiro da excursão para todos do grupo por

não interessar aos brasileiros, originários dos estados do sul ou do sudeste do Brasil.

No outono de 2009, em grupo de apenas quatro pessoas, voltamos a Portugal, desembarcando em Lisboa. Ao chegar ao hotel, fomos gentilmente atendidos na portaria por uma jovem portuguesa. E como chuviscava, indaguei-a: qual é o mês que mais chove aqui? Sem pestanejar disse-me: "Como dizemos nós aqui, abril chuvas mil". E a outra pergunta: "Aí são outros quinhentos". Então me desapontei, por saber que essas expressões tão faladas no Nordeste e em outras partes do Brasil, como Minas Gerais, não eram nossas, mas do colonizador.

O fato de o Brasil ter começado seu povoamento pelo homem civilizado com o português, fez com que o país tivesse a cara da civilização portuguesa. Língua, religião, miscigenação, adaptabilidade, combatividade, afrouxamento das regras institucionais, faz do Brasil, sobretudo, sua porção nordestina, um pais ibérico na América. Mesmo sofrendo ataques de outras etnias europeias – como espanhóis, holandeses, franceses – o português teve a intrepidez de as todas rechaçarem, a modo de entregarem o Brasil, aos brasileiros, com sua unidade territorial intacta.

Isso constitui fato extraordinário, por conta de ser a costa marítima do Brasil uma das maiores do mundo, e Portugal, tão pequeno territorialmente, ter sido capaz de protegê-la em uma época em que a pirataria dominava o mundo.

Nesta segunda vez, dispondo de mais tempo, partimos de carro para a região Norte de Portugal, viajando por terra em modernas estradas de rodagem, pagando aqui e acolá o pedágio. Depois de passar em diversas localidades, fizemos nossa base na cidade de Braga, hospedados em um antigo convento, agora transformado em hotel, já no entardecer.

À noitinha, já alojados, fomos convidados, gentilmente, por um casal empresário de Braga, com negócios no Brasil, para um jantar em sua residência. Como convidado, havia também empresário, português então sócio do primeiro, que nos acompanhou para o jantar.

Enquanto saboreávamos alguns petiscos da rica cozinha portuguesa e bebíamos um bom vinho, naturalmente, também português, os assuntos fixaram-se na escassez dos recursos naturais de Portugal e a ampla potencialidade do Brasil. O pessimismo parecia invadir sua alma, por Portugal não ter acompanhado o nível tecnológico de outros países da U.E. ou até mesmo de sua vizinha, a Espanha. Ponderei: "Mas o Japão

também não é bem dotado de recursos naturais, ainda assim tem o segundo maior PIB do mundo". Ele calou-se.

Portugal é um país por excelência religioso e que sempre cultivou o conhecimento humanístico, não priorizando, portanto, a formação de cientistas, fato que também existe no Nordeste, onde predominam, sem nenhum demérito aos que cultivam esta valorosa vertente do conhecimento humano, poetas, cômicos, romancistas, religiosos...

Nesse contexto, destaco o defendido por Salles:[2] "Enquanto artistas tenderiam ao pessimismo, cientistas seriam otimistas . Aos artistas, interessaria refletir sobre a precariedade da condição humana e sobre o drama dos indivíduos no mundo. O interesse dos cientistas, por sua vez, seria decifrar os segredos do mundo natural e, se possível fazer as coisas funcionarem". Aragão[3], reforçando o enunciado de Sales, afirma: " Formar cientistas e engenheiros é fundamental para que exista inovação tecnológica para empresas", de modo que estas possam competir no mercado globalizado. Se isso é valido para o Brasil como um todo, imagine-se para o Nordeste com suas idiossincrasias ambiental, econômica e social. Haja vista que poucos não foram os escritores, poetas e artistas que, felizmente, se sensibilizaram com a situação nordestina – José do Patrocínio, Euclides da Cunha, Rachel de Queiroz , Graciliano Ramos, Josué de Castro, entre outros, que por certo suas obras impactaram junto à população e influenciaram na tomada de decisão dos políticos. Contudo, apesar de alguns avanços como da dessalinização da água, da energia eólica, das chuvas artificiais, do melhoramento das plantas e animais, ainda assim temos muito que esperar de cientistas, sobretudo no campo da genética, da física e da química.

O Brasil era visto pelos empresários como um país de recursos naturais pujantes, notadamente, na parte energética com o domínio do etanol, a partir da cana-de-açúcar, da energia hidráulica e eólica e, sobretudo, do petróleo. Vale salientar que, nesse item, não fazia muito tempo que Brasil havia descoberto grandes reservas de petróleo em suas plataformas marítimas, dando origem ao Pré-Sal. Igualmente não fazia muito tempo que o presidente brasileiro - Luiz Inácio Lula da Silva – havia visitado Portugal e fizera importantes declarações sobre o assunto na mídia portuguesa, como o expresso por um popular que lembrava que o presidente Lula havia prometido que parte do petróleo, oriundo do Pré-Sal, seria exportado para Portugal. E dizia isso com tanta convicção e esperança que sua fisionomia se enchia de fulgor.

Observei não uma angústia, mas uma intensa preocupação de nossos recepcionistas com a forte dependência econômica de Portugal em relação à Espanha, transmitindo um sentimento equável ao existente entre o mexicano e o norte-americano.

Desviando os assuntos da parte econômica para a histórica, na qual o português, com justa razão, tem orgulho de seus feitos, questionei: "Qual é a maior data comemorada por Portugal?". "A vitória da Guerra da Restauração (1640-1668)", respondeu o empresário. Vitória essa que culminou com o Tratado de Lisboa (1668), em que Portugal se libertava de Espanha sob o escudo da nova dinastia, a de Bragança.

Portugal, apesar de ser um país com pouco espaço territorial e o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* ser um dos mais baixos da Europa Ocidental, situa-se entre os de maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Consequentemente, está entre os 20 países cuja população possui melhor qualidade de vida. Para se perceber essa qualidade de vida não é necessário muito esforço, basta focar no cotidiano de Lisboa. O maior centro urbano (população) e capital do país, para admirar a tranquilidade dos transeuntes, principalmente dos idosos, já que o país detém uma das menores taxas de natalidade da Europa. A ponto de induzir o fechamento de muitas escolas por falta de um número suficiente de alunos que justifique a manutenção da unidade de ensino. Realmente, quando de nossa passagem por Malheada, para almoço, encontramos dificuldades para retomarmos à autoestrada, o que permitiu que conhecêssemos mais as entranhas da cidade, sem, contudo visualizarmos, em algum momento, uma criança.

Esgotado o diálogo com os empresários e lançando a percepção sobre o homem do povo, dirigi-me especificamente aos motoristas de táxi. Estes muito solícitos, comunicativos, atenciosos e bem trajados, mostravam um bom conhecimento da história de Portugal à ponto de deixar o passageiro à vontade, sobretudo o brasileiro que não viesse concorrer no seu mercado de trabalho. Contudo, talvez nem toda essa presteza deva ser creditada, exclusivamente, à educação, mas, também, ao fator econômico visto que o turismo assume papel importante, e deveria ser ainda mais, na geração de emprego no país. Vi brasileiros, seja do Norte seja do Sul, trabalhando em atividades modéstias na esperança de amealhar soberbos euros para voltar ao Brasil e se estabelecer com algum negócio.

Os motoristas, versáteis, uma vez provocados, abordavam os mais variados assuntos com naturalidade como se estivessem conversando

com um dos seus patrícios. Em uma dessas conversas, indaguei: "Portugal melhorou muito depois de ter aderido à União Européia?". Sempre com ar de reticência, respondeu: "Melhorou sim. Principalmente na parte de infraestrutura: autoestradas, aeroportos, rede elétrica"... Pausou, mas não encerrou: "Como Portugal é um país pobre, todo dinheiro que chegar, chega bem".

Neste momento, silenciei e voltei meu pensamento para o Brasil, especialmente para o Nordeste, quando semelhantemente fica a depender do governo central. Realmente, estudos apontam que a entrada de Portugal, em 1986, na U.E., como quase tudo na vida, traz vantagens e desvantagens. Entre as primeiras, destacam-se os grandes subsídios europeus; os direitos humanos começaram a ser mais respeitados; maior facilidade em viajar, trabalhar, estudar e fortalecer a democracia e o desenvolvimento. Já para as desvantagens, entendem alguns portugueses que Portugal, como todos os outros membros, perdeu alguns graus de liberdade de sua soberania. Acontecimento, contudo, amenizado, pois quando Portugal ingressou à U.E. já se encontrava, senão em crise, mas em dificuldades econômicas.

Apesar da pequenez de seu território, Portugal, ainda assim registra uma dicotomia econômica entre as regiões sul e norte e os centros urbanos e área rural do país, tal como no Brasil, com sul desenvolvido e o norte e nordeste ainda periféricos. O despovoamento da área rural portuguesa, como a nordestina brasileira, induz a problemas econômicos, sociais, ambientais e de ordenamento do território, com reflexo direto na qualidade de vida das cidades portuguesas e brasileiras, sobretudo nordestinas.

Em Portugal, o problema da migração da área rural-urbano tornou-se tão grave, como já dito, que levou as autoridades portuguesas a desativarem mais de novecentas escolas com o intuito de reduzir o déficit público, porquanto essas escolas funcionam com o reduzido número de alunos. Assim, segundo autoridades portuguesas da área educacional, escolas com menos de 22 alunos serão fechadas para satisfazer os ditames da União Europeia (U.E.) quando estabelecem que o déficit público português situado, no ano de 2009, em torno de 9.7%, restrinja-se para 3% do PIB, em 2010.[4] Talvez nesse ponto e em outros congêneres, é que os portugueses entendem que Portugal, ao participar da U.E., cede parte da autonomia de suas tomadas de decisão. *Mutadis mutandis*, observa-se que a U.E. exerce um papel nos desígnios de seus membros,

como o Fundo Monetário Internacional (FMI) exerce para o resto do mundo. Ao juntarmos as duas preocupações, tanto do homem da elite econômica (empresário) quanto do motorista (homem do povo), dá para começar a entender a razão dos cidadãos portugueses, depois dos húngaros, serem os mais inconformados da U.E. com seu estado de vida. Debite-se este inconformismo, sobretudo, à falta de emprego, a inflação e precariedade da saúde vistas em relação a outros países membros da U.E.

Nessa espécie de baixa autoestima, acomete-se também o sertanejo nordestino levado pelas asperezas da base física com secas prolongadas sem que, até o início do século XXI, com todo o progresso tecnológico obtido no Planeta Terra, tenha se obtido um padrão de vida digno, mormente para seus habitantes do meio rural.

A exceção da língua, que é a matriz de onde deriva toda força da colonização, as manifestações culturais, por meio do folclore, do artesanato, das lendas e dos mitos, o saber empírico é outro grupo que guarda e exerce muita influência na população brasileira, sobretudo nordestina, pela sua capacidade de penetração em todas as camadas sociais.

No folclore, Lucena Filho[5] estabelece um "paralelo entre as festas juninas do nordeste de hoje com as festas dos santos populares de Lisboa (Portugal), que passa pelo mesmo processo de modernização". No dizer do mesmo autor, é nas folias juninas do nordeste do Brasil, que perpassando o aspecto religioso, veem-se as danças típicas assumindo a mais expressiva manifestação da cultura popular nordestina. Quanto ao artesanato, principalmente o do barro, que, no Brasil, sofreu influência do índio, do colonizador e do negro, Vainsencher,[6] abordando o assunto, diz que com a vinda de "artistas e artesãos portugueses (para o Brasil), durante o século XVI, a produção artesanal deixa de ser, apenas manifestação artística e adquire um *status* profissionalizante", sobretudo como meio de sobrevivência de pessoas criativas e talentosas de grupos sociais menos favorecidos economicamente. No Nordeste do Brasil, do presente, prosperam pujantes centros produtores de cerâmica, a exemplo dos municípios de Tracunhaém (PE), Cascavel, Juazeiro do Norte e Sobral (CE), São Mamede (PB), Pedro II, Simplício Mendes, Parnaíba, no Piauí, Nilópolis (SE), dentre outros.

Contudo, não é somente o barro que assume importância como matéria-prima para manifestação da arte. A depender da região, outros produtos

são utilizados, como: rochas, madeira, diversos tipos de cipós, pericarpo e endocarpo do coco, palha, couro e uma variada gama de produtos.

Em nossos dias, esse aspecto profissionalizante assume maior dimensão pelo aumento da população e estreiteza da oferta de emprego. No fim da segunda metade do século XX, o governo central, entenda-se Sudene, criou a estatal – Artene (Artesanato do Nordeste S/A), cuja finalidade era promover a valorização do artesanato do Nordeste do Brasil, principalmente pela conquista de novos mercados, fosse nacional ou internacional. Em Guimarães (Portugal), segundo Azeredo[7] a existência de uma "antiguíssima escola de olaria, que vem de tempos imemoriais", permanece a desafiar o tempo e os pesquisadores brasileiros em procurar saber se há uma ligação entre ela e artesanato de barro no Nordeste do Brasil.

Voltando ao uso da língua, vê-se sua força quando promove o nivelamento de todas as etnias, que formam o amálgama populacional do estado nacional, na adoção do português. Porquanto, sejam indígenas, germânicos, italianos, judeus, árabes, africanos e japoneses, para falar das etnias mais representativas da população brasileira, mesmo a contragosto dos mais idosos, todos, pouco a pouco, foram absorvidos pela língua portuguesa.

A literatura de cordel, os trovadores - vestígios da Idade Média, em Portugal, representam as manifestações culturais dos escritores populares. Já a literatura erudita foi mais modificada pela preocupação de escritores como José de Alencar, em fazer uma literatura mais parecida com a cara do Brasil do que a de Portugal. Presentemente, a literatura erudita tornou-e mais autônoma, distanciando-se, pois da literatura moderna portuguesa.

Já a arquitetura moderna afastou-se totalmente do que foi outrora no Nordeste. Contudo, o mundo rural ainda guarda fortes traços do que era logo no início da colonização. Assim, o Nordeste, diferentemente de outras regiões do Brasil, sofreu pouca influência da cultura de outras etnias, a exceção de Pernambuco e do Maranhão, pela cultura holandesa e francesa, respectivamente. Ainda assim, hoje, aquele que percorrer o interior do Nordeste percebe claramente a persistência da arquitetura ibérica nos rincões nordestinos.

Focando, novamente Portugal, vê-se que o passar do tempo, contrariamente o ocorrido no passado, fez com que a Nação agora fosse influenciada pelo Brasil. Neste ano de 2010, Portugal completa cem anos de regime republicano. Reis – [8] lembra que seu país "foi a terceira repú-

blica da Europa, depois da Suíça e da França". E que para que isso acontecesse, o exemplo brasileiro ajudou a decidir a realização da revolução republicana.

Refletindo sobre a problemática da colonização do Terceiro Mundo, seja nos aspectos sociais, econômicos, políticos ou ambientais, em qualquer parte do Planeta Terra, vê-se ainda as pegadas bem nítidas dos rastros do colonizador. Couto[9] diz que a África teve "o passado mal embalado e chega-nos deformado, carregado de mitos e preconceitos. O presente vestido de roupa emprestada. E o futuro foi encomendado por interesses que nos são alheios". Já Mignolo[10 e 11] entende o subdesenvolvimento e os protestos da América Latina como reflexos provindos dos escombros da colonização europeia que fazia acreditar que a "Europa poderia criar tantos problemas quanto as soluções para o resto do mundo. O mesmo autor, ao continuar na temática, questiona que é preciso fazer a "descolonização do saber na América Latina "porquanto os movimentos de Independência dessa região já alcançaram dois séculos e ainda assim, até que ponto historicamente é correto falar em independência?".

Notas:

[1] LOCK, JOHN. Pensador inglês do século XVII (1632-1704), defensor de que o conhecimento humano provém da experiência.

[2] SALLES, JOÃO MOREIRA – Em Simpósio da Academia Brasileira de Ciências – *Um Documentarista se Dirige a Cientistas (arte, ciência e desenvolvimento) – Folha de São Paulo,* 06 de junho de 2010.

[3] ARAGÃO, CARLOS. Presidente do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Cientifico e Tecnológico) – *Brasil forma mais doutores em humanas – Folha de São Paulo,* 04 de julho de 2010.

[4] *Portugal fechará 900 escolas para reduzir déficit público – Jornal o Estado de São Paulo,* 01 de janeiro de 2010.

[5] LUCENA FILHO, SEVERINO ALVES – *De Portugal ao Nordeste – Jornal O Povo,* 23 de maio de 2010.

[6] *VAINSENCHER, SEMIRA ADIER* – Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco – *Artesanato do Nordeste do Brasil*

[7] AZEREDO, ANTÔNIO CARLOS DE, - *Livro Guimarães, página 96* – Editora Caminhos Romanos- cidade de Braga (Portugal) julho de 2008.

8 - REIS, ANTÔNIO – Historiador português no artigo – *Portugal marca os cem anos da República e lembra influência brasileira*. Jornal *O Estado de São Paulo, 05 de outubro de 2010*

[9] COUTO, ANTÔNIO EMÍLIO – jornalista e biólogo - *Nem parece a África – Valor Econômico EU*, 16 de novembro de 2003 – Ano IV n. 167.

[10, 11] MIGNOLO, WALTER – professor de Antropologia Cultural na Universidade de Duke -EUA – *Pesquisador argentino defende "descolonização do saber- na América Latina" – Folha Online, 09 de abril de 2010.*